

A construção do *ethos* discursivo de Bolsonaro no *Twitter* sob amparo do discurso constituinte religioso: uma análise da semântica global

The construction of Bolsonaro's discursive *ethos* on *Twitter* under the support of the religious constituent discourse: an analysis of global semantics

José Arthur Soares de Melo¹

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

josearthur.melo@ufpe.br

RESUMO: Guiados pela semântica global, terceira hipótese de Maingueneau (2008b) em sua tese, buscamos neste trabalho refletir sobre a construção do *ethos* discursivo de Jair Bolsonaro, que recorre ao discurso constituinte religioso (MAINGUENEAU, 2021; 2008a; 2000) para a formulação de seus discursos no *Twitter*. Para isso, teórico-metodologicamente, recorreremos à análise do discurso de linha francesa através dos estudos de Maingueneau (2021; 2020; 2018; 2008a; 2008b). Delimitamos como corpus três publicações retiradas do *Twitter* do político, com o objetivo de discutir como a semântica global apoia a leitura e a interpretação dos discursos partilhados por Bolsonaro em seu *Twitter* e qual a importância do discurso constituinte religioso para a construção e a manutenção do seu *ethos* discursivo. Constatamos que o enunciador se vale do discurso religioso e do seu caráter constituinte para creditar os seus dizeres e defender suas alegações na rede. Ele ainda explora a vagueza e contextualiza alguns fragmentos bíblicos para evitar contestações, uma vez que o domínio religioso, diferentemente de outras esferas, não se encontra aberto a contra-argumentos e contestações.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso Religioso; Discurso Político; *Ethos* Discursivo; Jair Bolsonaro.

ABSTRACT: Guided by global semantics, Maingueneau's third hypothesis (2008b) in his thesis, we seek in this work to reflect on the construction of Jair Bolsonaro's discursive *ethos*, which resorts to the religious constituent discourse (MAINGUENEAU, 2021; 2008a; 2000) for the formulation of his speeches on *Twitter*. For this, theoretical-methodologically, we resort to the discourse analysis of french orientation through the studies of Maingueneau (2021; 2020; 2018; 2008a; 2008b). We delimited as corpus three publications taken from the politician's *Twitter*, with the objective of discussing how global semantics supports the reading and interpretation of the speeches shared by Bolsonaro on his *Twitter* and what is the importance of religious constituent discourse for the construction and the maintenance of his discursive *ethos*. We found that the enunciator uses the religious discourse and its constituent character to credit his sayings and defend his claims on the network. He also explores the vagueness and contextualizes some biblical fragments to avoid contestations, since the religious domain, unlike other spheres, is not open to counterarguments and contestations.

Keywords: Discourse Analysis; Religious Discourse; Political Discourse; Discursive *Ethos*; Jair Bolsonaro.

¹ Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Letras Português – Inglês pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (2021).

Palavras introdutórias

Alicerçados em alguns conceitos alçados por Maingueneau (2008a; 2008b), que já têm se mostrado como ferramentas bastante consistentes de análise e interpretação de variados corpora, buscamos neste trabalho analisar três postagens veiculadas no *Twitter* de Bolsonaro à luz da semântica global (MAINGUENEAU, 2008b). Para além disso, nos sustentamos também nos trabalhos do estudioso francês quanto à temática dos discursos constituintes, especificamente sobre o discurso religioso, para discutir sobre a sua importância na manutenção da imagem construída pelo sujeito discursivo em análise. Tais conceitos são operacionalizados no âmbito da análise do discurso francesa, que tem como base os trabalhos desenvolvidos por Pêcheux e o seu grupo, mas que, com Maingueneau, nos termos de Possenti (apud MAINGUENEAU, 2008b), agregou aspectos que afetam a discursividade extrapolando a relação entre a língua e a história, elementos primordiais nos primeiros trabalhos de análise do discurso de vertente materialista.

Ao recobrir com os seus conceitos esse novo domínio de estudos, Maingueneau “busca dar conta não somente dos corpora clássicos da Análise de Discurso², mas, sobretudo, de novos corpora, novas textualidades, colocando questões pertinentes para os analistas e para o campo do discurso” (BARONAS; PONSONI, 2019, p. 104). Com isso, o francês aponta elementos teórico e metodológicos para a leitura e análise que podem ser aplicáveis a outros corpora, além do demarcado em Gênese dos discursos (POSSENTI apud MAINGUENEAU, 2008b). Tendo isso em vista, consideraremos os sete planos discursivos que constituem a semântica global para a análise dos três enunciados que constituem corpus deste trabalho, buscando integrá-los simultaneamente como propõe o pesquisador. São eles: a intertextualidade; o vocabulário; os temas; o estatuto do enunciador e do destinatário; a dêixis enunciativa; o modo de enunciação e o modo de coesão.

Posteriormente desenvolvida por Maingueneau (2008a), a problemática dos discursos constituintes também nos sustenta ao defender o papel do discurso constituinte religioso na análise e interpretação do corpus. Por mais que se trate de uma obra de mais de uma década, publicada no Brasil em 2008, Maingueneau (2021) reafirma sua “lamentação” acerca de o discurso religioso³ ainda não ser tão difundido em pesquisas “que considerem conjuntos textuais tão vastos e que sejam capazes de integrar ao mesmo tempo a dimensão comunicacional, a dimensão ‘doutrinal’ e a dimensão ‘etnológica’ dos discursos”

² Doravante: AD.

³ Doravante: DR.

(MAINGUENEAU, 2008b, p. 13). Ainda sob essa perspectiva, não se explicita o porquê de esses discursos serem estigmatizados em comparação com os outros temas estudados na AD. Assim, nossa apreciação sobre tais corpora visa, de algum modo, trazer ao debate um gesto de leitura que reflita sobre o papel do DR constituinte nas postagens analisadas, cuja inspiração é a relevância e a produtividade encontrada no trabalho de Maingueneau (2008b).

Em acréscimo, teórico-metodologicamente nos sustentamos também em Maingueneau (2015a; 2015b) no que se refere a algumas diretrizes das pesquisas em AD. De acordo com o autor, os analistas do discurso não estudam obras, mas constituem corpora ao reunir os materiais que julgam necessários para responder ao questionamento que os guiam, em função das restrições feitas nos métodos aos quais recorrem (MAINGUENEAU, 2015a). Com isso, os três enunciados que integram o recorte deste trabalho foram coletados no *Twitter* através do recurso de captura de tela do *Windows*, sendo guiados, inicialmente, pela busca do termo “João 8. 32”, através da busca avançada⁴ do *Twitter*. Nesse viés, propomo-nos refletir sobre como a semântica global apoia a leitura e a interpretação dos discursos compartilhados por Bolsonaro em seu *Twitter* e qual a importância do discurso constituinte religioso para a construção e manutenção do seu *ethos* discursivo.

Após essa breve introdução, passamos para as nossas bases teóricas-metodológicas sobre a semântica global, o *ethos* discursivo e os discursos constituintes; em seguida executamos um gesto de leitura e interpretação alicerçados nos pilares da AD francesa e, por fim, discorremos sobre algumas considerações preliminares sobre esse averiguar inicial do corpus em estudo.

A semântica global, o *ethos* discursivo e os discursos constituintes

Em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008b) formula sete hipóteses que esmiúçam o quadro teórico que ele defende, são elas: primado do interdiscurso; a polêmica como interincompreensão; uma semântica global; uma competência discursiva; do discurso à prática discursiva; uma prática intersemiótica e um esquema de correspondência⁵. Para este trabalho especificamente, restringimo-nos à terceira hipótese da semântica global. Para o autor, esse

⁴ Por meio desse recurso é possível reunir todas as publicações de um determinado perfil na rede social, a partir de um termo de busca ou palavra-chave. No recorte maior da pesquisa buscamos por “João 8. 32” e seus variantes, como “Jo 8. 38” e “João 8: 32”.

⁵ Possenti e Mussalim (2010).

conceito divide-se em um conjunto de planos discursivos: a intertextualidade; o vocabulário; os temas; o estatuto do enunciador e do destinatário; a dêixis enunciativa; o modo de enunciação e o modo de coesão. Discorreremos sobre esses planos de modo breve a seguir, para retomá-los na seção de análise do corpus, destacando as suas principais proposições.

Inicialmente, por *intertextualidade*, Maingueneau (2008b) destaca que todo o campo discursivo define um modo de citar discursos anteriores do mesmo campo. Ele demarca como *intertextualidade interna* um duplo trabalho com a memória discursiva interior ao campo e como *intertextualidade externa* uma relação entre outros campos, sendo eles citáveis ou não. Em ambos os níveis de intertextualidade há intervenção do sistema de restrições⁶ globais que o analista mobiliza para analisar os discursos de forma conjunta.

Tratando do *vocabulário*, por conseguinte, nas palavras do linguista francês:

Não há muito sentido em falar do vocabulário desse ou daquele discurso como se um discurso possuísse um léxico que lhe fosse próprio. De fato, o mais frequente é que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos. O que quer dizer que a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente (MAINGUENEAU, 2008b, p. 80).

Ainda segundo o pesquisador “[...] entre vários termos a priori equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcaram sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 81). Em outros termos, o emprego do vocabulário em determinado discurso é cultivado com vistas a moldar a enunciação e demarcar determinada postura por meio de sua construção.

Ao refletir sobre *os temas*, embora o Maingueneau (2008b, p. 81) mencione que se contenta em defini-los como “aquilo de que um discurso trata’ em qualquer nível que seja” ele reconhece que discorrer sobre essa noção é uma tarefa muito delicada. Tendo isso em vista, o

⁶ Essas restrições vêm do conceito de formação discursiva – FD. A noção de FD é desenvolvida inicialmente por Foucault e reformulada por Pêcheux no âmbito da análise do discurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2020). Segundo Maingueneau (2015, p. 81) “nos dois casos, a formação discursiva é concebida como um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas.” Ainda segundo o pesquisador: “não se pode dar um estatuto mais claro à noção de formação discursiva se não se leva em conta o conjunto de termos que designam as categorias sobre as quais a análise do discurso trabalha [...]” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 16). Com isso, Maingueneau (2015, p. 66) diferencia as unidades tópicas como sendo situadas no prolongamento de caracterizações de atores sociais, “[...] elas se articulam em torno da categoria de gênero de discurso, entendido como instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado” [...]. Já no que se refere às unidades não tópicas, o linguista reforça que estas se constituem a partir das unidades tópicas, pois elas não podem dar conta sozinhas do funcionamento discursivo. O autor sinaliza a possibilidade de organizar uma FD a partir de um tema, as FD temáticas – as *entidades*, os *cenários*, as *propriedades*, os *acontecimentos* e os *nós*, e as FD plurifocais, que “[...] mantêm uma irreduzível pluralidade dos pontos de vista” (MAINGUENEAU, 2015, p. 92). É nesta última que o pesquisador francês se concentra mais pelo fato destas formações plurifocais serem consideradas marginais na pesquisa em análise do discurso (MAINGUENEAU, 2008a).

pesquisador propõe quatro proposições para sintetizar esse plano: na primeira – 1) ele define que um discurso dado integra semanticamente todos os seus temas, eles estão todos de acordo com seu sistema de restrições⁷; na segunda – 2) ele divide os temas em dois subconjuntos: temas impostos e temas específicos; em sequência, na proposição 2’) ele divide os temas impostos em temas compatíveis e em temas incompatíveis. Os temas compatíveis convergem semanticamente com o sistema de restrições; os temas incompatíveis, não, mas mesmo assim estão integrados, em virtude da proposição 1), na última proposição do autor – 2’’) os temas específicos são próprios a um discurso. Sua presença se explica por sua relação semântica privilegiada com o sistema de restrições.

Tratando do *estatuto do enunciador e do destinatário*, Maingueneau (2008b, p. 87) chama atenção para a especificidade de que [...] “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar o seu dizer”. Dito de outro modo, é fundamental conhecer o discurso e o contexto no qual o enunciador e o destinatário estão inseridos discursivamente quando proferem seus enunciados, pois isso gera interferências no ato de conceber algumas pressuposições, seja ao enunciador ou ao destinatário, como o próprio Maingueneau exemplifica ao se referir a algumas particularidades das duas correntes por ele estudadas na tese.

A *dêixis enunciativa*, por conseguinte, é demarcada na instalação de um espaço no tempo em que cada discurso se constrói em função de seu próprio universo. Considerando que o estatuto textual dos enunciadores não coincide com a realidade biográfica dos autores, essa noção não está restrita às datas, locais ou simplesmente ao contorno temporal (MAINGUENEAU, 2008b). Desse modo, esse plano pretende recobrir as questões relacionadas à configuração da sequência temporal e como elas se relacionam, com destaque às restrições operacionalizadas no recorte da formação discursiva. Com isso, deve-se considerar a posição ocupada pelo enunciador em conjunto com a cronologia por ele mobilizada, a fim de legitimar sua enunciação (MAINGUENEAU, 2008b).

Por *modo de enunciação*, Maingueneau (2008b) ressalta o modo de dizer que é nomeado por ele de modo de enunciação. Nesse sentido, todo discurso é concebido como possuidor de uma voz que o sustenta, mesmo que ele a negue. Esse “tom” se pauta em um esquema inseparável possuindo um “caráter” e uma “corporalidade” que o sustém. Segundo o linguista:

O “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não apenas o modo de enunciação torna-se

⁷ Cf. nota anterior.

frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por “tomar corpo” por toda parte, graças ao modo de enunciação: os textos falam por um universo cujas regras são as mesmas que presidem a sua enunciação (MAINGUENEAU, 2008b, p. 93).

Sobre esse plano, convém enfatizar a sua relação com as noções posteriormente aprofundadas por Maingueneau em seus estudos sobre o *ethos* discursivo. Nesse viés, ao refletir sobre esse modo de enunciação como um modo singular de projetar-se em seu discurso, tal processo permite examinar também o processo mais amplo de adesão discursiva de determinados sujeitos a certas posições (MAINGUENEAU, 2018). Portanto, na imbricação do discurso com o seu modo de enunciação é evocada a noção de *incorporação*, que aparece em três registros inseparáveis:

- É conferida uma corporalidade ao fiador, a partir da enunciação do texto;
- Uma série de esquemas que correspondem à maneira específica de se relacionar com o mundo é incorporada pelo coenunciador, que passa a habitar em seu próprio corpo;
- Ambas as incorporações proporcionam a constituição de uma comunidade imaginária, um corpo, daqueles que aderem a um mesmo discurso (MAINGUENEAU, 2018).

Por fim, no que se refere ao *modo de coesão*, sétimo plano discutido pelo autor, destaca-se a sua relação com a interdiscursividade e com a teoria da anáfora discursiva; um modo pelo qual o discurso constrói sua rede de remissões internas. Nos termos do autor:

O “recorte discursivo” se exerce num nível fundamental, atravessando as divisões em gêneros constitutivos [...] do modo de coesão resultam também, num nível mais superficial, os modos de *encadeamento* do discurso [...] cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir os seus parágrafos, seus capítulos de argumentar, de passar de uma tema a outro... Todas essas junturas de unidades pequenas ou grandes não poderiam escapar à carga da semântica global (MAINGUENEAU, 2008b, p. 94 - 96).

Em suma, para que essa semântica global seja reconhecida, faz-se necessária uma competência (inter)discursiva, que funciona como um filtro que estabelece o que pode ou não pode ser dito no interior de uma determinada formação discursiva. Ao propor essa competência, Maingueneau (2008b, p. 55) supõe: “— a aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro; — a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições”. Em outras palavras, essa competência visa não reduzir os discursos a uma mera expressão arbitrária de ideias, possivelmente imprecisas, ao mesmo tempo em que recobre algumas regularidades entre esses discursos. Com isso, o exercício de tal competência evita, de

certo modo, a ocorrência de simulacros⁸ sobre discursos alheios, ou leituras muito esparsas sobre eles.

Adentrando nas questões referentes aos estudos do *ethos* discursivo, Maingueneau repensa a noção de *ethos* da retórica antiga de Aristóteles reconfigurando-a e trazendo-a para AD francesa. Ele passa a concebê-lo diferentemente do que pensava Ducrot acerca do processo de escolha consciente do Locutor, mas a partir de um processo enunciativo no qual sujeitos são conduzidos a pertencerem a uma determinada posição discursiva (BARONAS, 2008). Já no que se refere à retórica antiga, ele destaca que:

Enquanto a retórica vinculou estreitamente o *ethos* à oralidade, todo texto escrito, mesmo que o negue, possui uma vocalidade específica: a instância subjetiva se manifesta por meio de um corpo de enunciador (e não, obviamente, do corpo do locutor extradiscursivo), considerando como um fiador que, por seu tom, atesta o que é dito (MAINGUENEAU, 2020, p. 14).

Nesse sentido, observa-se a relação dessa sua noção com o modo de enunciação proposto nos planos da semântica global, contudo, o funcionamento do *ethos* discursivo se sustenta na convergência de outras noções mobilizadas pelo analista.

Quando se enuncia, se almeja a edificação de um *ethos* efetivo, mas para que esse *ethos* seja efetivamente apreendido, precisam convergir o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. Além disso, para a manutenção desse *ethos* discursivo, devem dialogar em sua base o *ethos* dito e o *ethos* mostrado na construção da imagem projetada pelo locutor. Todos esses *ethé* estão atrelados aos estereótipos relacionados aos mundos éticos, pois quando um sujeito qualquer enuncia, são preconcebidas imagens sobre comportamentos desse sujeito (MAINGUENEAU, 2010; 2013).

Na internet, conforme destaca Maingueneau (2020), as formas de interação e diálogo que se constituem confrontam a AD em virtude do funcionamento não tradicional dos textos. Primeiro, porque estamos diante da configuração de uma espécie de hipergêneros, que fogem do que normalmente é trabalhado no âmbito dos estudos de enunciados essencialmente verbais. Segundo, destaca-se o plano textual, já que, na internet, estamos diante de um tipo de mosaico, no qual é possível encontrar textos, tanto no sentido habitual, assim como imagens, vídeos ou recortes (MAINGUENEAU, 2020) o que confronta o analista.

⁸ Para Maingueneau (2008b, p. 100), a noção de simulacro trata-se de uma tradução do discurso do outro que, entre outras coisas, não toca na estabilidade do significante linguístico, pois, [...] “para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói”. Essa tradução aparece como um “pentecostes pervertido, no qual cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma”.

Nesse viés, olhando para esse ambiente, o pesquisador enfatiza que na construção do *ethos*, dialogam elementos de natureza diversa, que vão desde a escolha do registro linguístico e vocabular, ao planejamento textual, ritmo e figurino. Trata-se, então, de uma forma dinâmica de construção pelo destinatário a partir do movimento de fala do locutor (MAINGUENEAU, 2020). Observa-se, assim, que os estudos do *ethos* discursivo nesse âmbito virtual mostram-se produtivos, não apenas por englobar um domínio em que essas novas textualidades emergem, mas também por se tratar de um espaço em que, constantemente, aspira-se adesão e incorporação a determinado discurso, possuindo muito peso a veiculação de uma boa imagem de si, um bom *ethos*.

Sobre a importância do *ethos* nesse incorporar e aderir a um discurso, nas palavras de Maingueneau (2018):

O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado (MAINGUENEAU, 2018, p. 73).

Nesse processo, cabe mencionar que essa imagem, e o ato de recorrer a determinado valor ou identidade no seu enunciado, não precisa, necessariamente, ser verdadeira, aliás, numerosos estudos sobre o *ethos* discursivo, erguidos a partir de distintas perspectivas teórico-analíticas, têm demonstrado que a edificação desse *ethos* visa atender, majoritariamente, a interesses individuais, como defendido nos trabalhos de Charaudeau (2018), a título de exemplo.

Avançando na discussão do aporte teórico que nos sustenta, discorreremos agora sobre a problemática dos discursos constituintes⁹, também empreendida por Maingueneau em muitos de seus trabalhos. De acordo com ele, os discursos constituintes se referem a um domínio específico no seio da produção verbal de uma sociedade que comungam algumas propriedades relacionadas às condições de emergência, de funcionamento e de circulação (MAINGUENEAU, 2000). Uma definição mais precisa é encontrada em *Cenas da Enunciação*, em que é postulado que:

Os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade, eles são a garantia de múltiplos gêneros do discurso [...] possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. Discursos-limite, situados sobre um limite e lidando com o limite, devem gerar

⁹ Noção introduzida por Maingueneau e Cossutta (1995).

textualmente os paradoxos que seu estatuto implica. Junto com eles vêm à tona, em toda a sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma Fonte legitimadora (MAINGUENEAU, 2008a, p. 38-39).

A partir dessa conceituação, Maingueneau demarca como discursos constituintes o discurso literário, o filosófico, o científico e o religioso. Esses discursos, por serem constitutivos em sua própria natureza, evocam, recuperam e podem ameaçar uns aos outros num movimento de renegociação do seu estatuto (MAINGUENEAU, 2008a). Assim, em cada um deles há uma validação no interior de seu próprio âmbito discursivo, que busca encontrar respaldo e bases para se “elucidar” em seu interior, embora, frequentemente se observe um certo diálogo nessas categorias epistemológicas¹⁰. Sob esse viés, a análise da constituição desses discursos, ainda de acordo com Maingueneau (2008a), deve considerar a articulação entre o intradiscursivo e o extradiscursivo e a sua imbricação sobre a representação do mundo e uma atividade enunciativa.

Para a investigação que este estudo se propõe a executar, nos atemos especificamente ao discurso constituinte religioso cristão em virtude de sua notável e expressiva recorrência nas postagens de Bolsonaro que constituem nosso recorte e que são partilhadas através do *Twitter*. A esse respeito, o teórico destaca que é por interferir em outros domínios, como a política, que muitos dos que estudam os discursos religiosos o fazem, sendo boa parte deles situados em áreas como o jornalismo e a sociologia (MAINGUENEAU, 2010). Desse modo, ao focalizarmos as noções da semântica global, do *ethos* discursivo e do discurso constituinte religioso frisamos a apreensão do corpus sob o viés dos estudos linguísticos como o próprio pesquisador defende, circunscrevendo-nos em uma seara que, ainda, não é tão pesquisada (MAINGUENEAU, 2021).

Sensíveis a essa lacuna e no intento de trazer para a análise o vasto intertexto que sustenta esses discursos, bem como o papel do próprio discurso religioso na formulação da imagem construída pelas postagens a serem analisadas, observamos que o discurso constituinte religioso mobilizado é o principal pilar que sustenta o *ethos* construído pelo político. Sendo assim, ao discutir sobre essas questões, nos propomos a executar um movimento de análise que ao considerar todos esses conceitos e noções visa contribuir para a apreensão desses discursos num gesto que se funda em um [...] “procedimento característico da análise do discurso, que, por natureza, se recusa a dissociar o estudo dos elementos doutrinários dos ‘contextos’ de fala” (MAINGUENEAU, 2010, p. 126).

¹⁰ Termo usado por Baronas e Ponsoni (2019).

Análise dos discursos de Bolsonaro compartilhados no *Twitter*

De início, antes de analisar as publicações propriamente, convém enfatizar alguns pontos necessários para a apreensão do conjunto dos discursos concebidos por Bolsonaro em seu *Twitter*. Os três enunciados, que integram o recorte, constituem uma série de publicações nomeadas pelo enunciador de “Da série João 8:32”, seguidas, posteriormente, de uma numeração e/ ou de um título que sintetiza o que a postagem visa defender. Ao enunciar, então, o locutor pressupõe que se reconheça o DR que ele recupera no conjunto de publicações que ele constrói, respaldando-as no versículo por ele recuperado.

Nessa perspectiva, de modo geral, o DR de João 8. 32 – “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”¹¹, se trata de um fragmento de um registro de uma conversa/ resposta de Jesus aos seus seguidores, e está inserida no livro do evangelho de João, no novo testamento. Considerando o contexto Bíblico em questão, a menção à “verdade” na passagem se refere ao conhecimento de Cristo e da sua palavra, o que, conseqüentemente, acarretaria a “liberdade” verdadeira. Essa “verdade”, do evangelho do DR cristão, remete a outras passagens e trechos de outros livros bíblicos, pensando em um trabalho de hermenêutica mais aprofundado, mas não nos deteremos nisso aqui.

Desse modo, observando o conjunto de menções que Bolsonaro faz à passagem de João 8. 32, e contrastando com o encontrado na Bíblia, é evidente que ele não a adota consoante a perspectiva bíblica discutida, grosso modo, acima, mas a emprega como uma estratégia para a construção do seu *ethos* no *Twitter*. O enunciador se vale, então, de uma certa vagueza do versículo descontextualizado, em que se perde o sentido construído na sua produção no âmbito cristão e o adota como uma forma de conquistar um público gerando incorporações ao seu discurso. É explorada, portanto, a “força” desse discurso constituinte, em prol da construção de uma imagem que seja suscetível à crença. Isso corrobora com o sinalizado por Maingueneau (2010) ao pontuar que:

O discurso religioso, enquanto “discurso constituinte”, faz parte desses discursos que são radicalmente heterogêneos, que associam gêneros de discurso muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da Fonte que os funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana (MAINGUENEAU, 2010, p. 101).

¹¹ Esta e outras menções à Bíblia ao longo do trabalho foram retiradas do website Bíblia Online. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/8/32>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Assim, em nome dessa Fonte fundadora, o enunciador se ampara no caráter fundante do DR para que seu discurso se torne não apenas “verdadeiro” e provoque uma “libertação”, mas também irrefutável, pois no âmbito espiritual religioso cristão, a fé é a prova das coisas que não são vistas (BÍBLIA, Hebreus, 11, 1). Com isso, ao mobilizar o DR em suas publicações no *Twitter*, não se enxerga apenas um enunciador, Bolsonaro, falando, mas um sólido alicerce espiritual que o sustém e que o torna apto a ser possuidor de uma “verdade” que precisa ser dita. Estando amparado nisso, desse modo, o político procura projetar a melhor imagem de si para o outro, pois “escolher o *ethos* conveniente [...] é decisivo nos gêneros de discurso em que os locutores têm de conquistar um público ainda não ganho para sua causa” (MAINGUENEAU, 2020, p. 14) ao mesmo tempo em que a adesão discursiva é reforçada, tendo em vista que seu público na rede é composto pelos seus seguidores.

Analisamos, a seguir, as três postagens que constituem o corpus deste trabalho, sob amparo dos planos da semântica global, do conceito de *ethos* discursivo e do discurso constituinte religioso.

Imagem 1 - Publicação 1



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.¹²

A primeira publicação reúne em sua composição dois fragmentos de intertextos do DR, no primeiro – João 8. 32, que nomeia a série de *tweets* do locutor, é feita menção ao versículo bíblico sem que se explicita o seu conteúdo, o que já demonstra que o discurso é endereçado

¹² Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1158760627638362122>>.

para um auditório que é conhecedor do DR cristão explorado por Bolsonaro. Além disso, a passagem de João 8. 32 – “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, foi e é amplamente adotada pelo político em questão nas suas campanhas como candidato à presidência do Brasil, o que leva a crer que se trata de um discurso que se encontra, portanto, já sedimentado na memória daqueles que o acompanham no *Twitter*.

Assim, a composição da postagem reúne em seu enunciado uma pergunta grafada em caixa alta: “O PRESIDENTE PODE MISTURAR POLÍTICA COM RELIGIÃO?” isso, provavelmente, procura enfatizar, de modo a chamar atenção, em detrimento do restante do conteúdo do *Tweet*. Ao se deparar com esse enunciado, que em certa medida, já é polêmico em sua constituição, o coenunciador certamente será ‘cativado’ a querer conhecer a resposta da pergunta feita pelo enunciador. Esse modo de formulação também aparece na seguinte afirmação do político ao grafar novamente em caixa alta os termos “SIM”, “CRISTÃO” e “É”, em que ele reitera que o Estado é laico, mas ele se declara cristão, assim como os, aproximadamente, noventa por cento dos brasileiros que também são.

Constrói-se em seu discurso, com isso, um caráter de proximidade com esse povo que é a maioria, e é para essa maioria que Bolsonaro fala no final da postagem com outro versículo bíblico. Na passagem de Romanos 8. 31, é recuperada a parte final do versículo que integralmente traz em sua composição “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?”, esse fragmento do DR é usado pelo locutor para se valer da autoridade desse discurso constituinte para circunscrever sua resposta. Observa-se, nesse viés, que há um imbricamento do âmbito religioso e espiritual com o plano físico em seu discurso, em que a sustentação de sua fala é resguardada, tanto pelo expressivo número dos noventa por cento que são cristãos quanto pela Fonte legitimadora espiritual a qual ele se filia.

Nesse *tweet*, o fato que consta na alegação do presidente é verídico, tendo em vista que segundo o último censo de 2010, católicos e evangélicos somavam 88%¹³ da população brasileira. Essa menção se faz necessária, pois há, nitidamente em outras publicações a seguir, a predominância de algumas teses que não possuem respaldo factual, mas que ainda assim acolhem certa validade nesse movimento de interligação com os argumentos do discurso constituinte explorados pelo político em suas postagens.

Em acréscimo, a publicação se encontra datada em 6 de agosto de 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro. No mês de junho do mesmo ano, o presidente havia participado da Marcha para Jesus, na cidade de São Paulo, sendo o primeiro presidente presente no evento de

¹³ Dados disponíveis em: <<https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religioes-no-brasil/>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

viés evangélico¹⁴, embora a lei que institui o Dia Nacional da Marcha para Jesus tenha sido sancionada pelo ex-presidente Lula, em 2009¹⁵. Ao se considerar esses aspectos cronológicos da produção do discurso, voltando-nos para o conteúdo da publicação em análise, percebe-se que é deixado para o destinatário a tarefa de interpretar a postagem, não havendo uma resposta nítida a primeira pergunta que Bolsonaro faz. Em outras palavras, o enunciador espera que quem tem contato com esse enunciado preencha os pontos que não estão explícitos em seu discurso e complete as lacunas que são deixadas por ele.

Para que essas lacunas sejam adequadamente preenchidas, possui elevada importância o tom das formulações do locutor. Para além de chamar atenção e enfatizar determinado aspecto no seu discurso, as letras maiúsculas adotadas afastam a imagem do enunciador de um *ethos* brando (MAINGUENEAU, 2020), que se encontraria aberto e receptivo ao diálogo. Pelo contrário, nota-se uma imagem de um sujeito discursivo que se vale da autoridade do cargo que ocupa para respaldar suas condutas à luz do DR mobilizado por ele. A esse respeito, procura-se continuar a conquistar incorporação a sua tese, numa constante preocupação com o modo que o coenunciador vai se relacionar ao *ethos* do seu discurso (MAINGUENEAU, 2018).

O encadeamento desse discurso, como salientado no início da seção de análise, apela para o conjunto de postagens que recebem no DR de João 8. 32 um caráter revelador. Nesse sentido, o *ethos* do político nesse *tweet* converge com o que Vieira Filho; Procópio (2020, p. 169 - 170) concluem ao analisar alguns discursos da posse presidencial de Bolsonaro: “na construção de sua imagem no discurso, [Bolsonaro] se coloca como messias, iluminado por um deus” [...]. Sobre o conjunto de postagens analisadas, acrescentamos aqui, a partir das contribuições dos estudos do DR de Maingueneau (2008b), que não se trata de um deus politeísta, mas do Deus monoteísta do cristianismo. O *ethos* construído aparece, assim, tanto na figura de um líder político cristão, que, presume-se, assumir um conjunto de princípios comuns ao grupo em questão, mas também na forma de um indivíduo “do povo” militante desse grupo, que está disposto a defender seus valores, pois como ele recupera na menção a Romanos 8. 31: “se Deus é por nós, quem será contra nós?”. Se pretende acentuar uma “luta do bem contra o mal”, física e espiritualmente, na qual “o bem” é a posição que o político enunciador ocupa e “o mal” são aquelas contrárias ele. Isso será retomado na análise do terceiro exemplar do corpus.

¹⁴ Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/20/bolsonaro-participa-da-marcha-para-jesus-em-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

¹⁵ Mais informações em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1291943-5601,00-LULA+SANCIONA+LEI+QUE+CRIA+O+DIA+DA+MARCHA+PARA+JESUS.html>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Passemos à análise da segunda postagem.

Imagem 2 - Publicação 2



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.¹⁶

Essa composição, novamente se inicia fazendo menção à passagem bíblica, acompanhada de um título: “Da série João 8:32 - EXISTE FOME NO BRASIL?”. Em seguida, Bolsonaro abre aspas para fazer uma citação de uma fala do então ministro da cidadania do seu governo, Osmar Terra: “Somados Bolsa Família, BPC e Aposentadoria Rural, há uma massa de R\$ 200 bilhões que vão p/ o bolso dos mais pobres todos ano. Logo, se você entender a fome como sistêmica e endêmica, o Brasil não a tem”. Ao republicar o discurso do ministro, nota-se um alinhamento com a alegação de que, face os pontos justificados, não existe fome no Brasil. A repetição da fala de Osmar Terra, acrescida do DR usado por Bolsonaro, visa reforçar essa “verdade” no discurso dos locutores.

Nessa composição, a fala do então ministro se refere a alguns programas de assistência social e distribuição de renda destinada aos mais pobres – Bolsa Família e BPC (Benefício de prestação continuada), e a Aposentadoria Rural – destinada aos trabalhadores rurais após determinado tempo de trabalho, sem que seja necessária a contribuição para o INSS. Sustenta-se no enunciado repostado, então, que em virtude dos 200 bilhões designados a esses grupos mais vulneráveis, não se poderia dizer que existe “a fome como sistêmica e endêmica” no país. O emprego do termo “existe”, na pergunta feita por Bolsonaro, é explorado na publicação através do contraste com o DR recuperado no início dela. Se o governo direciona os recursos mencionados para essa população carente, mas ainda assim alegam que existe fome, logo, se

¹⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1158354806613913601>>.

trata de uma inverdade. A existência dessa postagem se justifica por levar aos seus coenunciadores à “verdade” que é resguardada sob amparo do DR “Da série João 8:32”.

Percebe-se, nesse sentido, que os governantes, de certo modo, buscam se isentar de possíveis alegações de que não combatem à fome no país, ao alegar que, face aos recursos destinados pelo Estado, ela não existe como sistêmica e endêmica. Isso vai de encontro aos dados da FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, que em 2018 publicou que, no Brasil, por volta de 5,2 milhões de pessoas se encontravam em condição de subalimentação entre 2015 e 2017¹⁷. Observa-se, com isso, que a defesa do, na época, ministro da cidadania, partilhada por Bolsonaro, encontra algumas inconsistências com o que ocorria de fato na realidade do país. Há, desse modo, um esforço dos enunciadores em mascarar ou atenuar a gravidade da problemática da fome através da ‘justificativa’ de que “R\$ 200 bilhões” vão para o bolso dos mais pobres todos os anos.

A postagem analisada repete alguns elementos da primeira publicação: a referência ao DR “Da série João 8:32” e o título grafado em letras maiúsculas. Além deles, a linguagem usada pelo político na citação se molda ao âmbito digital ao fazer uso de abreviações como “p/” – para, e “Min” – ministro. O desvio de concordância em “todos ano”, por ser um problema simples, pode não ter sido intencional, uma vez que ele não prejudica a compreensão da mensagem veiculada. Contudo, é possível que essa recusa a uma linguagem padrão provoque uma certa identificação com a imagem construída pelo locutor, pois ela reúne mais de trinta mil curtidas. As aspas, nessa composição, não parecem apontar somente para um certo distanciamento do discurso, conforme discute Authier-Revuz (1990), mas o uso delas nesse enunciado, por Bolsonaro, parece indicar que a incumbência de levar a “verdade” trata-se de uma atitude de todos os seus ministros, e não apenas do presidente, daí a necessidade de ele reforçar o discurso republicado. Essa sua imagem não deixa de apontar, de alguma forma, para a figura dos apóstolos e/ ou discípulos de Cristo, no âmbito do DR, realçando o seu alinhamento com eles, na qual é o mestre conduz os seus aprendizes.

Em face a essas questões, encontra-se nessa segunda publicação um modo de enunciação que parece ser mais brando se comparada com a primeira. Isso se explica pela menção ao discurso direto relatado pelo enunciador, cuja participação de forma mais autoral está no título da postagem. Nessa perspectiva, é almejada a construção de um *ethos* de bom governante, ao sustentar a tese de que o país não possui “a fome como sistêmica e endêmica”. Para adquirir credibilidade e legitimidade, novamente se busca evocar o DR para a edificação

¹⁷ Dados disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/07/19/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-diz-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

dessa imagem. No entanto, por mais que esses adjetivos recebam adesão no discurso constituinte religioso, o *ethos* projetado não converge com a realidade, pois ao se desconsiderar os dados reais e atualizados da fome, minimizam-se os efeitos dessa condição precária que ainda atinge milhões de indivíduos no Brasil.

Esse enunciado, criado em 05 de agosto de 2019, repercutiu muito, assim como outros dos ministros do governo Bolsonaro com declarações polêmicas. Alguns meses antes, em julho desse mesmo ano, em uma conversa com jornalistas, o próprio presidente já havia alegado que “falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira”¹⁸, numa réplica sobre um comentário do, na época, presidente da câmara, Rodrigo Maia. Este, havia alertado acerca do aumento da fome e da pobreza no país. A persistência na defesa da tese contrária de Bolsonaro, sobre a inexistência da fome no Brasil, adquire no *Twitter* certa solidez e fundação ancorada no DR, ainda que se falte com a verdade. Isso demonstra que o discurso constituinte usado pelo enunciador é uma estratégia argumentativa que parece ser produtiva para a manutenção do seu *ethos* no âmbito digital.

A respeito, Maingueneau (2020) ressalta uma característica importante e recorrente dos discursos que são engendrados na internet para a manutenção ou não da imagem que o sujeito visa edificar:

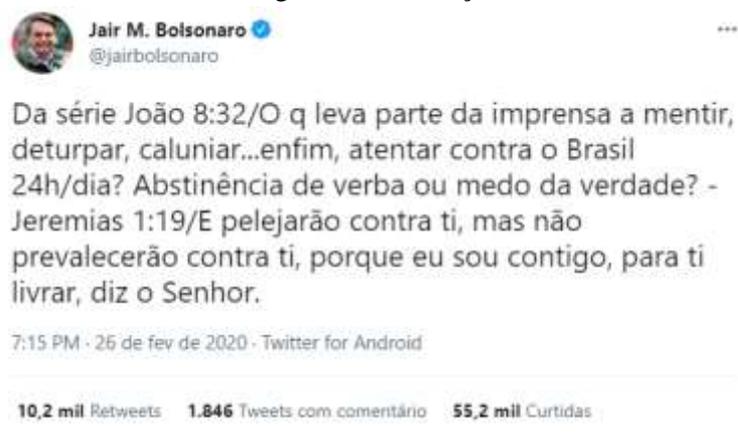
Quando falamos de *ethos* na internet, muito frequentemente estamos falando do *ethos* de uma instância cuja relação com um indivíduo extradiscursivo é problemática. Essa ausência de uma posição de autor genuína vai de mãos dadas com enunciações que envolvem fortemente a subjetividade dos participantes, liberam todos os seus afetos, sem freio algum (MAINGUENEAU, 2020, p. 164).

Essa extrapolação dos afetos e das emoções apontadas pelo estudioso são presentes no emprego do DR nessas publicações de Bolsonaro. A formulação e o encadeamento dessas postagens, ao fazer menção à “série” delas no início do *tweet*, constroem uma espécie de rede desses discursos que pretende tornar públicas as “verdades” partilhadas pelo locutor. Nesse exemplar em especial, se procura enfatizar um alinhamento das falas do presidente de cunho político e ideológico, com os seus subordinados. Percebe-se, então, a relevância do DR empregado para a legitimação dos argumentos construídos, aliada à subjetividade existente na relação desse discurso com os seus interlocutores, por meio da referência ao conjunto de textos “da série João 8:32”. Por esse motivo, havendo discursos anteriores nessa série, é esperado que eles continuem a ser construídos por Bolsonaro, e assim ele o faz.

¹⁸ Informações disponíveis em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-diz-bolsonaro.ghhtml>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

O terceiro e último exemplar recortado para este estudo é analisado posteriormente.

Imagem 3 - Publicação 3



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.¹⁹

Nesta publicação, semelhantemente à primeira, além da menção ao “Da série João 8:32”, há uma passagem de Jeremias 1:19, livro do antigo testamento Bíblico. O conteúdo da postagem diz: “Da série João 8:32/O q leva parte da imprensa a mentir, deturpar, caluniar...enfim, atentar contra o Brasil 24h/dia? Abstinência de verba ou medo da verdade? - Jeremias 1:19/E pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti, porque eu sou contigo, para ti livrar, diz o Senhor.”. Nesse enunciado, os elementos que remetem ao DR, comuns às demais postagens analisadas, reforçam o encadeamento discursivo explorado pelo enunciador. Respeita-se a “ordem” já apontada na análise da primeira publicação: há um título, um conteúdo, que novamente aparece como uma forma de pergunta retórica e a postagem termina com uma citação direta ao intertexto bíblico.

Discorrendo sobre a temática dessa publicação, esse discurso construído se refere aos atentados endereçados ao Brasil, em sua composição, através da imprensa, segundo Bolsonaro. Entretanto, percebe-se que essa menção não se direciona simplesmente ao país como se pressupõe, mas se constrói por meio de uma personificação do enunciador na figura do governante. Em virtude do lugar ocupado por ele, na condição atual de presidente da nação, o locutor “se funde” ao Brasil que ele diz que é atacado, com vistas a tornar seu discurso legítimo. Assim, esse “Brasil” de seu discurso pode ser lido como “o governo Bolsonaro” ou ainda apenas “Bolsonaro” em que o exercício do trabalho da mídia é reiteradamente descredibilizado e rechaçado pelo governante²⁰.

¹⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1232791206662459392>>.

²⁰ Mais informações em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-atacou-a-imprensa-117-vezes-desde-que-virou-presidente/>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

Nesse sentido, para que essa publicação receba credibilidade e coerência para o locutor, é preciso argumentar que o país seja uma vítima, em seu enunciado, o que torna a nação como possuidora de fardo que, conseqüentemente, também será carregado por Bolsonaro. Há, nessa perspectiva, um constante esforço em vilanizar o outro, para que se acentue o embate entre o bem *versus* o mal, como brevemente discutido na primeira publicação. O DR é usado para solidificar esse embate que extrapola o âmbito religioso ao gerar credibilidade ao que é defendido pelo sujeito discursivo. A passagem de Jeremias 1:19 é contextualizada em favor do que o político quer sustentar ao postular que, apesar das diversas tentativas de atentar contra o Brasil, por parte da imprensa, “[...] não prevalecerão contra ti, porque eu sou contigo, para ti livrar, diz o Senhor” (BÍBLIA, Jeremias 1, 19).

Com isso, observa-se que é do interesse do produtor do discurso incorporar os dois planos: o factual do plano real e o espiritual do DR, com o objetivo de que o plano do discurso constituinte prepondere sobre a ausência de respaldo no que o enunciador sustenta. De acordo com narrativa de Bolsonaro, formulada em forma de pergunta, parte da imprensa mente, deturpa e calunia contra o Brasil, mas ele não explicita de que parte está falando. Sua postagem responde à indagação feita por ele mesmo através de outro questionamento, com duas alternativas bastante fechadas, nas quais se aponta a “abstinência de verba ou medo da verdade” como motivos para as acusações por ele sinalizadas. A “verdade” a que Bolsonaro se refere aqui é contraposta com as mentiras que ele sustenta que parte da imprensa dissemina. Nesse viés, ao atrelar essa sua tese ao DR, ainda que estejamos falando de uma acusação infundada, ela passa a adquirir credibilidade, que é sustentada em prol da construção de um *ethos* de perseguido.

O versículo de Jeremias usado por Bolsonaro é estrategicamente inserido em sua publicação com a finalidade de se construir um diálogo, que visa à aproximação com um interlocutor que é conhecedor do DR, ainda que de forma rasa. No contexto bíblico, a passagem de Jeremias 1. 19 fecha o primeiro capítulo do livro, no qual Deus instrui Jeremias para o ofício profético, no qual, embora adversidades fossem esperadas, o Senhor estaria com ele para o tornar capaz a resistir a esses ataques. A publicação de Bolsonaro, por sua vez, vale-se dessa narrativa do DR para endereçar acusações à parcela da mídia que “atenta” contra o Brasil. Não se pode precisar a qual verdade esse locutor está se referindo na resposta a sua própria indagação, mas nota-se que a exploração da vagueza desse termo é uma estratégia presente não apenas nesta, mas em todas as três publicações analisadas, que, na esfera do DR, não se encontra aberta a dúvidas e a contra-argumentos, e é por isso que Bolsonaro a adota.

Esse enunciado, postado em 26 de fevereiro de 2020, vem à tona pouco após declarações a uma jornalista da Folha de São Paulo, partindo do então presidente, que repercutiram muito

mal. Com respostas dúbias que, claramente, denotavam desrespeito à Patrícia Campos Mello, Bolsonaro proferiu: “Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar o furo, dar o furo a qualquer preço”²¹. Por parte de seus apoiadores, essa alegação foi vista como uma conduta louvável e de bravura, contudo, diversos foram os repúdios e manifestações em virtude do episódio, como a firme nota da Associação Brasileira de Imprensa – ABI, com severas críticas ao comportamento do político. Para tentar se resguardar e, de alguma forma, descredibilizar o apoio e as manifestações contrárias à sua lamentável atitude, ele não se retrata, mas amplia sua ofensa de modo mais abrangente para parte da imprensa como um todo. Isso objetiva, dentre outras coisas, reiterar a posição ríspida do enunciador, que se funde ao “Brasil” que ele expressa em seu enunciado. Nesse sentido, ele focaliza tal acontecimento com o amparo de duas passagens do DR o objetivando realçar o seu *ethos* de perseguido em virtude dos danosos ataques da imprensa ao país “24h/dia”.

Assim como já sinalizado em postagens anteriores, o vocabulário usado por Bolsonaro nessa publicação, novamente, se encontra em consonância com o ambiente virtual no qual o enunciado veiculado circula. Apenas 280 caracteres podem ser usados na rede social *Twitter*, e embora algumas figuras políticas públicas já adotem estratégias como a postagem de uma série de *tweets*, um “fio”, nesse exemplar e nos outros analisados, isso não foi feito. O desvio ortográfico em “ti” ao invés de “te” não prejudica a adesão a sua postagem. Isso permite sinalizar que há o intento de que essas postagens estejam, possivelmente, próximas do vocabulário dos interlocutores, com vistas a construir, cada vez mais, uma familiaridade com os seus seguidores e apoiadores. É com o intuito de marcar a sua posição no campo discursivo que Bolsonaro se esforça, linguisticamente, para a sustentação de uma imagem que se diferencia, de modo muito consistente, da de outros governantes, como a do ex-presidente Temer, por exemplo.

Nesse viés, não se pode desconsiderar a posição do enunciador, o *ethos* do líder (MAINGUENEAU, 2020), atualmente, autoridade máxima do país. Espera-se, assim, que as suas falas sejam creditáveis e, por isso, respeitadas. Entretanto, no caso de Bolsonaro, por ser conhecido pelas consistentes ofensas a jornalistas e a grande parte da mídia como um todo, esse discurso se projeta também como uma forma de justificativa para suas condutas. Se, segundo ele, a imprensa mente, deturpa e calunia contra o Brasil, ou contra ele, logo, as suas reações agressivas seriam apenas uma resposta à altura. É necessário enfatizar, também, que ele não

²¹ Mais informações em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml>. Acesso em 7 dez. 2022.

enuncia sozinho, pois estando embebido do aspecto constitutivo do DR presente em sua publicação: o Senhor é com ele, para o livrar (BÍBLIA, Jeremias 1, 19). Com isso, a exploração do “mal” atribuído à imprensa é posto em contraste com o “bem” que ele e o seu governo representam, num movimento em que estes últimos se colocam como os únicos detentores da “verdade”.

O modo de enunciação que o locutor adota nessa postagem se ancora na edificação de um *ethos* de perseguido. Entendendo que o “atentar contra o Brasil 24h/dia” não se refere propriamente ao país, mas a Bolsonaro, se recorre de modo enfático ao DR em prol da instauração de um embate. Primeiro, o enunciador procura enfatizar que os atos de atentar contra seu governo ocorrem no plano físico, “24h/dia”, posteriormente, tais condutas são realçadas ao se espiritualizar os acontecimentos por ele defendidos evocando o DR. Quando ele insere a última passagem de Jeremias 1:19, procura-se explicitar que os atentados que ele sofre extrapolam o âmbito real, sendo também de natureza espiritual. Há em seu discurso, então, um duplo atentado e contra ele, agindo em função da manutenção de uma imagem de perseguido: o físico e o espiritual.

Para reforçar o modo de coesão recuperado por Bolsonaro, é perceptível no encadeamento do seu discurso a forma com que ele sustenta o que quer defender. O enunciador não abre mão do DR, sempre respeitando o seu lugar nas em suas postagens, e também pressupondo que os coenunciadores reconheçam a pertinência desse discurso constituinte em cada *tweet*. Ao falar, desse modo, ele assume a autoridade e o caráter fundador do DR para que isso legitime o que alega em prol da detenção da “verdade”. Embora seja construído em forma de questionamento, o próprio locutor restringe as respostas apontadas, o que enfatiza o caráter retórico da sua indagação. Percebe-se, assim, que seu discurso pretende, sobretudo, conquistar adesão e incorporação (MAINGUENEAU, 2013) em benefício próprio, pouco importando o fato de o DR ser adotado estrategicamente por ele para respaldar algumas informações inverídicas.

Considerações, por agora, finais

Neste estudo, ainda que de modo preliminar, a análise das três publicações, que integram o recorte analisado, demonstra que a hipótese da semântica global, defendida por Maingueneau (2008b), trata-se de uma noção que possibilita a apreensão dos discursos partilhados, com vistas à integração em conjunto de todos os planos que a constituem. Para além dessa hipótese, as

colaborações do pesquisador francês, quanto aos estudos do DR constituinte, salientam a importância do olhar para esse domínio nas publicações de Bolsonaro, empreitada a qual temos nos dedicado, neste e em outros trabalhos.

Nos *tweets* acima analisados, Bolsonaro se vale de uma estrutura que recorre ao DR cristão para defender seus posicionamentos, inserindo o que ele visa sustentar entre esses discursos. Na publicação 1 e na 3, além da menção ao versículo comum a todas as 3 publicações – João 8. 32, há uma passagem final, que é contextualizada em função do efeito que o enunciador pretende construir em seu enunciado. Na publicação 2, ele endossa um discurso outro com o objetivo de reforçar a pertinência dele em conjunto com o DR por ele habilidosamente inserido. Convém enfatizar que, algumas vezes, como nos *tweets* 2 e 3, o que ele sustenta se vale de argumentos que não possuem respaldo factual e se valem de generalizações que mascaram e atenuam os fatos.

Em todas as publicações averiguadas, além de se valer do caráter fundador do discurso constituinte, o político também se aproveita da vagueza desse discurso, pois ao contextualizar os intertextos bíblicos que ele usa, não se pretende transmitir um caráter de ensinamento cristão, mas, é do seu interesse apenas fazer com que o seu enunciado seja creditado, não contrastado e que receba adesão do seu interlocutor. Para isso, é construída uma estratégia discursiva que atribui ao outro um *ethos* de “mau” que é contrastado com o dele, um *ethos* de “bom” governante. O enunciador também se porta de modo peculiar se olharmos para o tom do conjunto das publicações, sob um tom mais brando na 1 e na 2 e de modo mais ríspido na 3.

As contribuições dos estudos do *ethos* discursivo nos apoiaram na soltura de algumas particularidades desses enunciados, assim como aponta Maingueneau (2020, p. 8), que diz que:

Estudar o *ethos* é, na realidade, estudar a enunciação em seu conjunto, mas sob certo ângulo. É preciso ainda que esse ângulo seja pertinente, ofereça um ponto de observação interessante para destravar certas propriedades dos enunciados que nos propomos a estudar.

Esse “destravar” só é possível nesse trabalho por meio das reflexões e ponderações de Maingueneau (2008a, 2008b) sobre a temática dos discursos constituintes e da sua importância nos estudos do discurso. Esse espaço, que antes se tratava mais de uma seara de estabilização do que um território de pesquisa com fronteiras estabelecidas (MAINGUENEAU, 2000), hoje, tem avançado e inquietado analistas do discurso quanto a sua relevância para os estudos linguísticos (MAINGUENEAU, 2021).

Quanto à diversidade dos corpora estudados em AD, Maingueneau (2020, p. 8) reforça que [...] “a análise do discurso deve apreender o universo do discurso em toda a sua diversidade, em vez de se restringir a alguns setores da vida social: educação, política, mídia, saúde, justiça...”. Dessa forma, a noção de semântica global proposta pelo autor vem aclarar expressivos aspectos sobre a apreensão desse universo discursivo que, cada vez mais, torna-se amplo no espaço virtual. Tão amplo a ponto de fundar-se em outros domínios que antes se viam restritos a outras esferas da sociedade, como no caso do DR cristão, no caso da teologia, e também aqueles restritos à retórica antiga, no âmbito filosófico.

Cronologicamente, notamos que, com o avanço do tempo, mais fragmentos de DR são adotados por Bolsonaro, o que aponta para uma estratégia que parece estar tendo sucesso na conquista de adesão e da sua plateia no *Twitter*. Na manutenção da sua imagem, considerando esse recorte, não notamos a configuração de um *ethos* híbrido (MAINGUENEAU, 2020) na mescla de características do enunciador, que ora recorre ao discurso religioso, ora a dados e fontes nem sempre precisas. Já se observássemos um conjunto de publicações mais amplo e com mais dados, poderíamos, talvez, chegar em um tipo de *anti-ethos* (MAINGUENEAU, 2020), no qual, ao contrastar as alegações do político, realça-se um *anti-ethos* mau que ele pretende combater com o seu *ethos*. Não podemos desconsiderar, também, as especificidades apontadas sobre a emergência e o surgimento de discursos que nascem na internet e quais as implicações e contribuições dessas questões quanto à semântica global. Inquietações que, inevitavelmente, serão nosso objeto de reflexão em futuros trabalhos.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25-42, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>>. Acesso em: 15 ago. 2022. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636824

BARONAS, Roberto Leiser. Notas concisas sobre a possibilidade de um tratamento discursivo de manuscritos paranaenses setecentistas. In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. L. (Orgs.). **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2008, p. 181-199.

BARONAS, Roberto Leiser; PONSONI, Samuel. Uma análise de discurso de base enunciativa: notas de leitura sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 83-107, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48527>>. Acesso em: 15 ago. 2022. DOI: 10.14393/HTP-v1n1-2019-48527

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. trad. Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique; COSSUTTA, Frédéric. L'analyse des discours constitutants. **Langages**, [S. l.], 29^e année, n. 117, p. 112-125, 1995. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1995_num_29_117_1709>. Acesso em: 7 dez. 2022. DOI: 10.3406/lgge.1995.1721

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução Nelson Barros da Costa. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1-12, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/download/9331/6685/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015a.

MAINGUENEAU, Dominique. O que pesquisam os analistas do discurso? Tradução Sírio Possenti. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 31-40, jul.- dez. 2015b. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547/25810>>. Acesso em: 7 fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i2.42547>

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o *ethos***. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Aux limites de l'analyse du discours. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/336>>. Acesso em: 16 ago. 2022. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.V2.N1.ID336

POSSENTI, Sírio.; MUSSALIM, Fernanda. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

VIEIRA FILHO, Maurício João; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. O *ethos* de Jair Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial. **Revista Temática**, [S. l.], v. 16, n. 8, p. 157-171, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/54522>>. Acesso em: 15 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2020v16n08.54522>

José Arthur Soares de Melo. A construção do *ethos* discursivo de Bolsonaro no *Twitter* sob amparo do discurso constituinte religioso: uma análise da semântica global.

Recebido em: 31 de agosto de 2022

Aceito em: 16 de novembro de 2022